UM ARQUITETO DE ENGENHO E ARTE

*Lucio Gomes Machado**

Militante nas lutas sociais e nas entidades profissionais dos arquitetos e funcionários públicos, Ruy Gama deixou estudos fundamentais para a História da Técnica. A imagem do acadêmico interessado em aspectos pouco conhecidos e pouco estudados de nossa História, à primeira vista, poderia contrapor-se ao modo como era visto por seus amigos: a do defensor intransigente de seus pontos de vista, porém colega cordial e incansável contador de anedotas.

No entanto, são estas as faces, entre outras, que configuram o *arquiteto de engenho e arte*.

Poderíamos partir de uma anedota. Em sua tese de Livre Docência, *A Tecnologia e o Trabalho na História* (Nobel/Edusp) propôs um modelo tridimensional para sua concepção de Tecnologia, a partir da releitura das três componentes do processo de trabalho a que se refere Marx, configurando em um tetraedro regular as "quatro faces" da tecnologia: a tecnologia do trabalho, a tecnologia dos materiais, a tecnologia dos meios de trabalho e a tecnologia básica. Tal modelo fora construído em acrílico e era transportado em uma caixa com uma pequena argola no topo que a fazia parecer com a gaiola de um misterioso pássaro. As mais incríveis hipóteses eram formuladas por Ruy sobre o tal pássaro e a caixa-gaiola era sempre objeto de anedotas para os alunos e colegas.

No entanto, é preciso lembrar que anedota era para Ruy uma maneira sensível (não racional) de conhecimento da realidade, da mesma forma como propunha que o desenho, as imagens - em especial a fotografia - e os modelos poderiam contribuir de forma original para o estudo da História e para o seu ensino, especialmente para os alunos de arquitetura e engenharia, voltados para a arte, a técnica e o projeto.

A rigor, poderíamos tomar o tal tetraedro e sua caixa também como uma representação de seu autor. Desde logo, pode-se dizer que a curiosidade despertada pela gaiola era, de fato, a atitude de sua permanente atenção com relação aos

* Arquiteto e Professor do Dept^o de História da Arquitetura e Estética do Projeto - FAU/USP.

ofícios, às técnicas tradicionais e a história do cotidiano, a tudo que se pode deduzir da análise de um pequeno indício, palavra ou gesto. Representava também a possibilidade de encontrar instrumentos interessantes para o exercício da docência de matéria que aparentemente não desperta o interesse de muitos alunos.

Mas as faces do tetraedro são também as faces de seu trabalho como pesquisador e de sua atividade como cidadão, as quais estavam intimamente interligadas. De fato, apenas em 1973, Ruy Gama tornou-se docente do Departamento de História da Arquitetura e Estética do Projeto da FAU/USP, dedicando-se até então somente ao Departamento de Obras Públicas e onde continuaria até aposentar-se. Paralelamente, foi um batalhador no IAB e no CREA, interessado que era nos problemas da organização profissional e nas interfaces com as demais profissões da área da construção civil e da indústria. Muito antes dos ensaios acadêmicos sobre a tecnologia, já meditava e atuava no âmbito da Tecnologia do Trabalho.

A dissertação defendida para a obtenção do título de Mestre, a primeira defendida na FAU/USP, *Glossário*, marca o início de uma de suas permanentes preocupações: a recuperação ou o estabelecimento de conceitos precisos para cada objeto estudado, neste caso traçando percursos conceituais entre o planejamento, a cibernética, a indústria e a automação. O mesmo caminho foi trilhado para construir parte de suas proposições em *A Tecnologia e o Trabalho na História*, sobretudo para encontrar a própria definição de Técnica e Tecnologia. No âmbito do CREA podemos lembrar seu estudo *Obra e Serviço*, também elaborado com o mesmo instrumental, logo adotado como referência para tomada de posições dos profissionais engenheiros e arquitetos. Era o nosso Ruy da Tecnologia Básica.

Por fim, a Tecnologia dos Materiais e a dos Meios de Trabalho (evidentemente associadas à Tecnologia do Trabalho) estão presentes na sua obra mais completa, *Engenho e Tecnologia* (Livraria Duas Cidades), na qual discorre sobre a história do açúcar no Brasil, desde seu início no século XVI, quando se implanta a sua manufatura no Brasil, até o final do século XIX, quando se encerra a fase caracterizada pelos engenhos, suplantados pelas Usinas. Nesta obra, revela-se ainda a análise dos espaços destinados ao trabalho, traçando relações entre forma e função, desvendando a interação entre máquinas, arquitetura, construção e economia. As imagens do livro, resultado de longa busca em livros raros e em pesquisas de campo em todo o Brasil, formam um discurso paralelo ao do texto, incentivando o leitor à descoberta deste instrumento do conhecimento, normalmente pouco explorado nos estudos de História.

Assim, o homem sensível, atento às relações sociais, à política profissional, à História, à Economia e ao Patrimônio cultural, afeito, em razão de sua formação e prática profissional, ao trato de questões interdisciplinares e ao contínuo desenvolvimento de métodos de trabalho encontrou na História da Técnica e da Tecnologia o seu universo e nele construiu uma obra que é referência obrigatória para as novas gerações de historiadores.